

## **Beyond religion: the use of Jewish symbolic goods by the Universal Church<sup>1</sup>**

Carlos Gutierrez – Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp – Universidade Estadual de Campinas /Pesquisador da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

No dia 31 de Julho de 2014, a Igreja Universal do Reino de Deus realizou a inauguração oficial do Templo de Salomão, localizado no bairro do Brás, em São Paulo. O evento contou com inúmeras autoridades como, por exemplo, a presidente do Brasil, Dilma Rousseff (PT), o governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB) e o prefeito da capital paulista, Fernando Haddad (PT). A construção, que comporta 10 mil pessoas sentadas, foi tema de inúmeras reportagens na mídia nacional e internacional. O diário *The New York Times* enfatizou o tamanho da obra e principalmente o uso de bens simbólicos judaicos no Templo e em demais rituais iurdianos. A imprensa nacional conferiu bastante destaque ao custo de construção da obra, estimado em 680 milhões de reais e os detalhes luxuosos da edificação: revestimento com pedras oriundas de Israel, telões em alta definição, sistema de iluminação em LED, piso de granito, etc. Porém, logo após a primeira aparição oficial do Bispo Edir Macedo na nova sede mundial da Universal, trajando kipá e talit, com uma longa barba branca, pulularam reportagens com análises acerca dessa “nova roupagem” da Igreja Universal do Reino de Deus.

Diversos pesquisadores da área da religião, sociólogos e teólogos, forneceram uma série de explicações acerca da incorporação de elementos judaicos por parte da Universal. O presente trabalho pretende fugir da construção de uma “cosmologia iurdiana”<sup>2</sup>, evitando essencializações e o enquadramento de práticas rituais em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Congresso Internacional da Brazilian Studies Association. Agradeço o apoio da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo que possibilitou a apresentação desse trabalho, por meio de financiamento da pesquisa.

<sup>2</sup> Não se trata aqui de desvalorizar a vasta e rica produção acadêmica que problematiza a cosmologia iurdiana e tanto contribuiu para o debate na Sociologia/Antropologia da Religião, mas sim pensar como o

categorias construídas a priori. Apesar da importância da noção de “campo religioso” de Pierre Bourdieu, como explicar processos que envolvem diversos agentes em interação, dos mais distintos “campos” possíveis, em torno de uma questão? Da mesma forma, como lidar com agentes que se afirmam como “laicos”, “não-religiosos”, operacionalizando conceitos em contextos específicos? O argumento que buscarei desenvolver não pretende focar-se nos rituais desenvolvidos no Templo de Salomão, tampouco no simples uso de bens simbólicos judaicos na Universal, mas sim nas interações discursivas dos agentes e como eles produzem processos de justificação em situações de conflito. Seguindo o suposto de Talal Asad (2006), mais produtivo do que tentar definir o sentido da crença é buscar compreender como os discursos constituem a religião no mundo contemporâneo. Dessa forma, o texto buscará analisar três tópicos. São eles: a potencialidade do Templo de Salomão na aglutinação de controvérsias<sup>3</sup> que ganham visibilidade na esfera pública brasileira e como o espaço permite a circulação de pessoas, objetos e discursos, possibilitando aos agentes da Universal uma inserção em controvérsias públicas sob uma nova posição; a construção de uma narrativa sobre si, em um processo que compreende a produção de uma verdade que será mobilizada como justificação na esfera pública e também a importância do Templo no processo de constituição de alteridade, ou seja, na produção de “outros”.

### **O Templo de Salomão: controvérsia em torno do secularismo**

O projeto surgiu, segundo lideranças da Igreja, após uma peregrinação do Bispo Edir Macedo a Jerusalém<sup>4</sup>. Segundo ele, “se não posso trazer todo o povo para cá, então

---

religioso se torna cada vez mais fluído no mundo contemporâneo e a participação cada vez mais destacada desses agentes nas esferas governamentais e na própria arena pública.

<sup>3</sup> Não entendemos aqui o conceito como uma “polêmica” com certa visibilidade, mas sim uma disputa que se torna pública, por meio da interação de diversos agentes. O termo controvérsia é utilizado segundo a noção de Bruno Latour. Logo, toda a questão em aberto, uma “caixa-cinza”, cujo sentido encontra-se em disputa por agentes distintos é uma “controvérsia”.

<sup>4</sup> A IURD realiza caravanas a Israel desde os anos 80, sendo uma prática recorrente dentro da instituição.

vou levar pedaços desta terra para eles”. De acordo com o Bispo, uma forma de permitir que todo o “povo da Universal pudesse pisar na Terra Santa”. Muitos representantes entrevistados (bispos e pastores), afirmaram que não se trata de um projeto “denominacional”, mas sim de uma maneira de promover o contato direto com Deus e presentear o povo brasileiro com um “patrimônio cultural”.

A construção contará com um Memorial, intitulado como espaço cultural e “laico”, de acordo com o discurso de bispos e pastores da Igreja. O local, que contará com 650 m<sup>2</sup>, é separado do Templo e não terá ligação com o mesmo, ficando em área subterrânea.

*“É intenção da Igreja promover a cultura, a história de Israel, o conhecimento, por isso, esse espaço é laico, é cultural, não é de questão religiosa, mas de história, de cultura. Lá dentro, poderá ver o que tinha no Templo Antigo em detalhes (...). Essa ideia de separar está no próprio projeto, tanto que terá também um espaço para conhecer a história da Universal, o início da igreja, a prisão do Bispo, tudo que aconteceu, mas é outro roteiro de visita. O visitante tem a opção de ir no que quiser. Não é obrigado a entrar no espaço da Igreja, nem a entrar no Templo. Esse espaço vai ser um show, com guias, muita tecnologia, interatividade, irá atrair turistas do mundo todo.” (Pastor João Lacerda)<sup>5</sup>.*

Haverá, no mesmo espaço, um museu que contará a história da IURD, desde sua fundação, passando pela prisão de Edir Macedo, a construção de grandes catedrais pela Igreja e outros eventos considerados “marcantes”. Logo após a inauguração oficial, com a presença de políticos diversos, dos mais distintos partidos e instâncias de poder (presidenta, deputados federais e estaduais, prefeitos, governador, ministros e senador), diversos atores levantaram a questão da quebra da laicidade, por conta da participação de representantes públicos na inauguração de um “templo religioso”, no que podemos chamar de controvérsia em torno do secularismo. Deve-se ressaltar aqui que a noção de controvérsia não é apenas teórica, mas também metodológica e o “modo controvérsia” coloca em interação diversos agentes diferentes, mesmo que não haja uma interação discursiva direta entre eles.

---

<sup>5</sup> Para evitar qualquer tipo de problemas aos entrevistados, o texto adotará pseudônimos aos bispos, pastores, obreiros e fiéis que desejarem o anonimato.

A grande mídia repercutiu a presença de Dilma Rouseff e outros políticos, enfatizando sempre a questão da “instrumentalização da fé pelos candidatos” e o “poder dos evangélicos”. Em reportagem do Jornal Zero Hora<sup>6</sup>, há uma explicação do cientista político Antonio Lavareda acerca da importância do voto evangélico para as eleições e também gráficos e a “presença dos crentes nas urnas”, com análise dos partidos brasileiros e sua ligação com denominações evangélicas. Há também uma breve entrevista com o sociólogo Ricardo Mariano (USP), acerca da influência evangélica no processo eleitoral. Deve-se destacar que jornais e revistas enfatizaram muito a presença do discurso acadêmico, por meio do que denominaram de “especialista”, a fim de angariar legitimidade em torno de seu processo de denúncia na laicidade e da presença (considerada pelos veículos midiáticos) imprópria dos evangélicos na política. De acordo com Boltanski (2000), a denúncia coloca em relação quatro atores distintos: o denunciante da injustiça, a vítima, o opressor (aquele que comete a injustiça) e o juiz (a quem se dirige a denúncia). Segundo o autor, o sucesso ou fracasso de uma denúncia depende da sua capacidade de dessingularização, ou seja, sair do âmbito do individual e se tornar uma causa pública, que diga respeito não a um indivíduo, mas a uma coletividade. No caso, podemos compreender o denunciante como a própria imprensa, a vítima como a “sociedade” e/ou “Estado” brasileiro, o opressor como os políticos e a Universal e o juiz como a “opinião pública”. Como estratégia de generalização, para que a denúncia ganhe publicidade, os veículos de mídia operacionalizaram, de acordo com o levantamento realizado por este trabalho, o conceito de “poder”, a fim de demonstrar a força indesejável dos evangélicos na esfera política.

O diário *Folha de S. Paulo*, com a maior tiragem e circulação do país, publicou o editorial “De joelhos: Procissão de autoridades ao Templo de Salomão, da Universal, expõe relações questionáveis de políticos com instituições religiosas”. Nele, o jornal afirma:

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/eleicoes-2014/noticia/2014/07/evangelicos-dao-demonstracao-de-poder-em-inauguracao-de-templo-4564226.html>

*“Oficialmente laico, o Estado brasileiro ainda mantém, na prática, relações no mínimo ambíguas e questionáveis com instituições religiosas --certamente menos por temor a Deus do que pelos seculares interesses eleitorais dos políticos”.*<sup>7</sup>

A reação da *Folha de S. Paulo* foi acompanhada pela revista *Carta Capital*, em reportagem intitulada “O poder dos evangélicos na política”, que destaca o crescimento dos evangélicos na esfera política, com especial destaque à Universal. O principal argumento mobilizado pela revista é a presença imprópria do religioso na esfera do político, denunciando o que encara como quebra no princípio de laicidade. Destaco o seguinte trecho:

*Dessa forma, em diferentes pontas do espectro político, os parlamentares evangélicos tentam influenciar a agenda nacional. Primeiro, na conquista de dividendos para as igrejas, como isenção fiscal, a manutenção das leis de radiodifusão, a obtenção de pedaços de ruas para a construção de templos, a instituição de leis que reconheçam a cultura evangélica e forcem a abertura dos cofres públicos a tais eventos. Mas também na criação de obstáculos à aprovação de projetos vistos como uma ameaça à família e aos bons costumes, entre eles os direitos LGBT.*

Dessa forma, seguindo o conceito boltanskiano de denúncia, podemos perceber como, na controvérsia em relação ao secularismo, a mídia, em processo de dessingularização, apresenta a presença de representantes públicos no Templo de Salomão como um “perigo” à laicidade do Estado, generalizando a causa e constituindo-a como um “problema público”, isto é, que não concerne somente a ela, mas a toda sociedade brasileira. A *Folha de S. Paulo* afirma que, com relação “à adulação de igrejas, o poder público é ecumênico”, citando o fato da prefeitura de São Paulo ter concedido alvará provisório ao Templo de Salomão e ao Santuário Mãe de Deus, da Igreja Católica, durante a gestão Kassab (PSD). A chamada blogosfera, que reúne diversos blogs, muitos dos quais vinculados a portais de notícias, também repercutiu a denúncia da quebra do princípio de laicidade do Estado<sup>8</sup>. Vale ressaltar a proporção que a denúncia tomou em redes sociais, principalmente via Facebook, por meio da página “Brasil Contra a Igreja Universal”, com mais de 200 mil seguidores, que

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/178972-de-joelhos.shtml>

<sup>8</sup> Alguns exemplos: <http://jornalggn.com.br/blog/fabio-de-oliveira-ribeiro/o-estado-laico-e-os-evangelicos>

compartilharam uma série de postagens contestando a presença de líderes políticos na inauguração do Templo de Salomão como desrespeito ao Estado laico.

A Universal se posicionou frente à denúncia, operacionalizando o conceito “ecumênico” para se dirigir ao Templo, afirmando que o espaço encontra-se aberto a todas as religiões. Alguns jornais afirmaram que a “intenção da Igreja em atrair novos fiéis fez com que a Universal não colocasse seu nome na fachada”. De fato, não há qualquer menção à IURD na parte externa ou interna do Templo, com exceção de uma bandeira com o símbolo da Universal (coração vermelho com uma pomba branca no centro). Aqui, cabe uma importante discussão acerca da “intencionalidade”. De acordo com o conceito de *habitus* de Bourdieu, os agentes sociais não atuam de forma calculada, mas sim teriam suas capacidades de ação e julgamento dentro de um limite de possíveis que é a própria incorporação das regras do jogo simbólico, esse, por sua vez, influenciados em relação dialética pelas ações dos agentes. Caberia ao cientista social a capacidade crítica para analisar as relações sociais e atribuir sentidos. Em sua crítica a Bourdieu e sua sociologia crítica, Luc Boltanski propõe a sociologia da crítica, isto é, pautada na capacidade analítica e crítica dos agentes sociais e nas suas produções de julgamento e justificações nos chamados momentos críticos. Apesar de se tratar de uma complexa discussão entre duas teorias distintas, a noção de capacidade crítica dos atores é mais interessante à análise, pois permite a problematização da reflexividade dos atores ligados à Universal e como fazem circular categorias diversas conforme momentos específicos. No momento de contestação por outros agentes em relação à quebra de laicidade, operam o conceito “ecumênico” e até mesmo “interdenominacional”, promovendo um evento antes da inauguração oficial que contou com cerca de dois mil pastores de outras denominações evangélicas.

O discurso dos agentes, principalmente de Macedo, aponta o Templo de Salomão como uma “casa para todos os povos”, “aberta a todos” e, por isso, na percepção dos agentes iurdianos entrevistados, não representaria um risco ao Estado laico. Devemos ressaltar, conforme apontado no início do texto, a importância da circulação de certos agentes, nesse caso específico, ligados à comunidade judaica no Brasil e também de Israel. Antes da inauguração do Templo, o embaixador de Israel no Brasil, Rafael Eldad, já esteve presente em diversos encontros na Universal, principalmente em

debates sobre “conflitos no Oriente Médio”, sempre publicizados pelos principais veículos da Universal (sites oficiais, blogs, TV Record). Na inauguração do Templo, o bispo Macedo fez questão de anunciar os representantes da comunidade judaica, para depois celebrar o hino brasileiro e o de Israel, além de apresentações musicais israelenses. A presença dessa “comitiva” foi publicizada pela própria Universal, assim como por alguns veículos de mídia brasileiros. Na nota em seu site oficial<sup>9</sup>, a instituição frisou que as portas estariam abertas a todos os judeus e povos do mundo:

*“O Templo de Salomão é uma ferramenta para despertar a fé para o único e verdadeiro Deus e estará aberto a todos os judeus e a todos os povos do mundo”.*

A circulação de agentes judaicos pelo Templo de Salomão tem importância fundamental no processo de constituição da narrativa sobre si, na participação em novos projetos e na atribuição de um novo status aos bens simbólicos iurdianos. Abordaremos melhor essa relação no próximo inciso. Por enquanto, voltemos o foco a uma hipótese oportuna acerca da percepção que muitos atores evangélicos tem em torno do secularismo: se o Estado é laico, não significa que não deve haver presença religiosa, como se configurou em outros países, mas sim que quanto mais laico o Estado é, mais espaço deve dar à participação das religiões. Então, o secularismo parece ser operado, por atores religiosos, como uma forma do religioso estar no político.

No processo de publicização da denúncia, outro argumento extensamente mobilizado pela mídia foi a investigação do Ministério Público<sup>10</sup> sobre a obra ter sido construída com alvará de reforma, no lugar de construção, o que teria isentado a IURD de pagar uma contrapartida de 35 milhões de reais à Prefeitura de São Paulo. Dessa forma, a denúncia constitui-se numa causa universal, que deve ser defendida pela opinião pública, pois é agora um problema compartilhado e não mais singular, e passa a pedir a “imposição da normalidade”, com a restituição do bem comum, do interesse geral, no caso o restabelecimento da laicidade. A construção discursiva da injustiça

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2014/08/03/comunidade-judaica-na-inauguracao-do-templo-de-salomao-30628.html>

<sup>10</sup> Até o momento da finalização desse paper, a investigação ainda não havia sido concluída.

também passa pela caracterização do opressor e sua capacidade de atentar contra a noção de bem comum estabelecida pelo denunciante (mídia).

Uma subcontrovérsia que se desenvolveu juntamente à em torno do secularismo, mas que também entrou como elemento de generalização da denúncia, foi em relação ao “mercado da fé”. O conceito, que povoou boa parte da literatura acadêmica nos anos 90 e do discurso midiático sobre a Universal naquela época, voltou a ser operacionalizado pelo denunciante, ao qualificar as “novas” práticas rituais que incorporam elementos judaicos. O termo foi incorporado pela mídia e serviu, de certa forma, no processo de qualificação do opressor, ao relacionar a Universal com práticas mercadológicas na exploração da fé e uso de “marketing religioso”. No caso do jornal *El País*, a categoria “ostentação” foi usada para explicar a suntuosidade do Templo, além de entrevista com Ricardo Mariano sobre a relação entre fé e mercado e a incorporação de elementos oriundos do judaísmo.

O portal de notícias “Pragmatismo Político” também operou um antigo conceito utilizado para se referir à IURD, o de seita:

*“A igreja criada por Edir é um reflexo dele mesmo, uma panaceia que junta retalhos de outras fés. Embora sua base seja o Evangelho e a figura de Jesus, como a maioria das seitas pentecostais, Edir misturou outros elementos, da encenação do candomblé, com o exorcismo de pessoas supostamente tomadas pelo demônio, às raízes judaicas do Velho Testamento”.*<sup>11</sup>

A incorporação de objetos cerimoniais judaicos como, por exemplo, kipá, talit, mezuzá, etc. foi encarada, por inúmeros agentes (da mídia, acadêmicos e também religiosos), como uma forte ligação entre fé e mercado, sendo lida como “prática judaizante”<sup>12</sup>. Nas palavras de Ricardo Bitum, professor da Universidade Presbiteriana

---

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/08/quem-e-edir-macedo-e-o-que-significa-o-templo-de-salomao.html>

<sup>12</sup> O termo é oriundo do Novo Testamento, para se referir aos cristãos hebreus que requeriam que os cristãos gentios seguissem as leis mosaicas.



Mackenzie, em entrevista ao “Blog do Morris”, hospedado no portal da Folha de S. Paulo:

*Penso que de alguma forma ao construir o Templo de Salomão, a Universal ganha capital simbólico, ou seja, até então grandes catedrais (que representam capital simbólico) eram monopolizadas pela igreja Católica romana. Por exemplo o marco zero da cidade de São Paulo – Catedral da Sé -, ou na cidade de Aparecida do Norte, localizada entre duas grandes metrópoles, onde temos a maior catedral do Brasil, e assim por diante. (...) Não só a Universal como outras igrejas neopentecostais, resgatam uma tendência judaizante. Os pentecostais estão muito mais próximos do judaísmo que os católicos. É uma forma de se diferenciarem do arcabouço católico romano que formou a nação brasileira nestes primeiros 500 anos.*

*E o ritual judaico é riquíssimo, ele dá uma liga. O Antigo Testamento é extremamente simbólico e afinal, constitui aproximadamente  $\frac{3}{4}$  da Bíblia.*

*A Universal utiliza muitos elementos do judaísmo em suas campanhas. Por exemplo, tem a campanha da Pedrinha de David, na qual o fiel vai lá na frente, faz uma oferta e ganha uma pedrinha simbolizando David. Esta pedrinha supostamente serve para ser usada na hora das dúvidas. O fiel é orientado a pegá-la na mão e orar, em busca de uma solução.*

Dessa forma, a mídia, no processo de constituição da denúncia pública, contesta a indumentária mobilizada pelos agentes da Universal, relacionando-a a práticas mercantilistas. A busca pelo denunciante por especialistas que possam interpretar o que foi concebido como problema (presença política na inauguração e uso de bens simbólicos judaicos) é uma forma de angariar legitimidade aos processos de constituição do opressor e de apresentá-lo enquanto tal à opinião pública (juiz), resultando no maior sucesso da publicização da denúncia.

### **A constituição de si**

Um dos principais argumentos mobilizados pela mídia e pelos especialistas entrevistados é que o Templo de Salomão marca uma “nova era” à Universal, que agora, segundo o discurso da mídia, estaria buscando uma “nova roupagem” e “identidade” para atrair a classe C. Para além da tentativa de essencialização do que é a Universal, como esses agentes se pensam e qual a relevância dessa questão? Respondendo à segunda questão, a construção discursiva de si é fundamental para compreender como a Universal constrói uma narrativa sobre si própria e, por isso, e também por meio disso,

mobiliza uma série de justificações nesse processo. Além disso, essa narrativa também terá grande importância como tecnologia de produção de corpos dóceis (Foucault, 2008) dentro da instituição, bem como a constituição de uma verdade interior alcançada por meio da governamentalidade.

Em diversos cultos, bispos e pastores afirmam que o povo da Universal é a continuação do “povo hebreu”, já que sofreram, foram perseguidos, porém, se revoltaram, lutaram e conquistaram, em processo relatado como circuito da conquista por Edlaine Gomes (2008). Esse retorno ao “Israel mítico” também é notório com a construção do Templo de Salomão e adoção de diversos bens simbólicos judaicos como, por exemplo, kipá, talit, menorá, mezuzah, entre outros. A incorporação de festas judaicas como o Purim, por exemplo, é um indicativo de como os agentes da Universal atribuem grande importância a esses eventos na constituição de si. Vale ressaltar que essa construção discursiva acompanha toda uma tentativa de patrimonialização dos templos da Universal e de seus ritos. Em 2005, o então Senador Marcelo Crivella<sup>13</sup>, bispo licenciado da IURD, apresentou projeto ao Senado visando a alteração da Lei Rouanet<sup>14</sup>. Caso a alteração fosse aprovada, além de museus, bibliotecas e acervos, templos religiosos também poderiam ser beneficiados pela Lei Rouanet. Atualmente, o projeto encontra-se arquivado. A justificativa de Crivella para a alteração na Lei:

*“Nada expressa melhor a formação dessa cultura que o caldeamento das diversas religiões, seitas, cultos e seus sincretismos, que, durante séculos, moldaram o processo civilizatório nacional (...) todas as crenças, cultos ou religiões, e que, por serem portadores da referência à identidade, à ação e à memória da sociedade brasileira, constituem-se parcela indissolúvel do “patrimônio cultural brasileiro”, devendo, assim, ser incluídos nos objetivos maiores do Programa de Nacional de Apoio à Cultura”.*<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> Atualmente, Crivella é Ministro da Pesca e Aquicultura, deixando o cargo de Senador, após ter sido reeleito, para o período de 2011-2019, na eleição de 2010.

<sup>14</sup> Lei que permite que empresas possam abater parte do imposto de renda caso invistam em projetos culturais.

<sup>15</sup> Disponível em <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getPDF.asp?t=43810&tp=1> . Acesso em 16/05/2012.

Após a negativa em torno do projeto de Crivela, está em curso o projeto de lei PLC 160/90<sup>16</sup>, a “Lei Geral das Religiões”, do deputado federal George Hilton (PRB-MG), também pastor da IURD, que visa transformar templos evangélicos em patrimônio cultural e imaterial, por meio da emergência de uma “cultura evangélica”.

Cabe frisar como esses bens simbólicos são operados por agentes da Universal nesse processo de construção discursiva do “Eu”. No caso da festa de Purim, por exemplo, realizada no dia 08 de Março, há uma preocupação com a “valorização da mulher”, deslocando o sentido da celebração para o papel preponderante da rainha Esther e, conseqüentemente, das mulheres. De acordo com Giddens (2002), a modernidade inaugura uma grande preocupação com a identidade. Questões sobre “quem ser” e “como agir” tornam-se extremamente importantes. A noção de reflexividade, isto é, a capacidade de reflexão acerca das práticas sociais, renovando-as e alterando seu caráter, acompanha o processo de constituição da autoidentidade.

No caso da Universal, há uma grande preocupação com a constituição de uma narrativa de superação, de um povo vencedor, conforme a campanha “Eu Sou a Universal” pode atestar. Trata-se de uma iniciativa para que os fiéis possam falar a respeito de si, o que fazem e como era sua vida antes da “transformação”, importante categoria nos processos de constituição da autoidentidade. Conforme apontado por Giddens (2002), o passado tem importância fundamental para a construção do futuro, no processo de apropriação do passado e como esse se encaixará para os objetivos do futuro.

A definição do site oficial do projeto “Eu Sou a Universal”<sup>17</sup> é “O que é a Universal? Ou talvez seja melhor perguntar “quem é a Universal”? A resposta para essa questão, formulada pelos próprios nativos, é a pessoa que luta, passou por dificuldades, mas após “batalhar”, prosperou e hoje ocupa uma posição social considerada, segundo a percepção êmica, de destaque na sociedade. Os depoentes sempre se apresentam revelando sua ocupação profissional e os títulos acadêmicos que possuem (graduado,

---

<sup>16</sup> Disponível em: [http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p\\_cod\\_mate=92959](http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=92959) Acesso em 25/10/2013

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.eusouauniversal.com/a-universal/> . Acesso em: 19/08/2014

pós-graduado, etc.). Em seus testemunhos, o termo “venci” é extremamente operacionalizado, assim como “dificuldades”. No processo de transformação, de construção da “narrativa vitoriosa”, o passado é analisado à luz do futuro (Giddens, 2001), a fim de demonstrar a situação adversa e capacidade de superação por meio da fé e da persistência no trabalho, fatores que são constituintes da narrativa Universal, da identidade Universal.

Porém, como os bens simbólicos judaicos e as narrativas do Israel mítico entram nesse processo? Por certo, os discursos mobilizados por certos agentes (pastores e bispos), que evocam a trajetória de um povo hebreu perseguido, castigado, mas lutador e vencedor são componentes fundamentais na construção do “Eu Universal”. Para tanto, os conceito de “hermenêutica de si” de Michel Foucault (2011) mostra-se interessante à análise. Segundo o autor, o processo de “hermenêutica de si” trata-se de procedimento em que o sujeito é conduzido a refletir sobre si próprio, a observar-se, analisar-se e a se decifrar. Vemos aí um paralelo importante com a noção de reflexividade de Giddens, exposta anteriormente. No caso foucaultiano, envolve a vinculação entre uma verdade e o sujeito, porém, não por meio da imposição de uma verdade, mas fazer com que essa verdade interior seja apreendida no interior, no “Eu” de cada um, por meio de um processo de reflexão inerente a cada indivíduo.

Dessa forma, as técnicas de retorno sobre si, ou seja, que levam o sujeito a refletir sobre si mesmo, estão permeadas por meio da narrativa do Israel mítico. Em diversos momentos de culto, pastores e bispos citam exemplos de superação do povo hebreu e pedem aos fiéis para fecharem os olhos após o relato e “refletirem sobre sua vida, a situação do presente e o que querem para o futuro”. Em muitos casos, os pastores também trazem situações de seu passado, relacionando a transformação com o caso citado.

*“Nós usamos muito do Antigo Testamento. Esse é um dos segredos da Universal para o sucesso, com certeza. Pois ali está a manifestação do Deus vivo e também porque nós somos os novos hebreus. Fomos perseguidos, humilhados, açoitados, mas nos revoltamos, lutamos e hoje conquistamos”. (Bispo Guaracy).*

A verdade que é descoberta no interior de si, por meio das técnicas de autoanálise e reflexão do “Eu”, constitui o discurso acerca do vencedor, próspero, que

venceu as dificuldades de outrora e que, justamente por ter enfrentado a adversidade, provou sua condição enquanto “batalhador” e, por isso, é a Universal. “Gente que luta, que constrói o próprio destino com alegria, trabalho e fé”. Em seu livro “Fé Racional”, o Bispo Macedo contrapõe a “fé emocional” a “fé racional”, classificada por ele como “fé inteligente”, afirmando que os que seguem uma fé pautada na emoção, sem reflexão, estão fadados ao fracasso, enquanto que os que usam a fé de forma inteligente, refletindo sobre a própria fé alcançam o sucesso. Diversas narrativas do Antigo Testamento são mobilizadas para mostrar como as personagens do Israel mítico souberam usar a fé racional para refletir acerca da própria condição e, dessa forma, revoltarem-se e transformarem suas vidas.

Talvez o Templo de Salomão configure-se em uma nova etapa nas técnicas de reflexão sobre si, ao materializar a ancestralidade do Israel mítico e, também, por retomar a questão da superação, da conquista e da temática da perseguição, já que seu líder máximo agora é atacado na mídia e por outros atores evangélicos pelo uso da barba, kipá e talit. O processo de produção de si enquanto “vitoriosos, batalhadores e guerreiros” parece ganhar um elemento fundamental que é o Templo de Salomão, pois se trata da concretização da narrativa da vitória da Universal e da consolidação dos iurdianos como “novos hebreus”, conforme discursos presentes em diversos cultos da IURD.

### **Universal e o Templo: participação na controvérsia Israel Palestina**

Nos eventos testes que antecederam a inauguração oficial do Templo, assim como nas cerimônias posteriores, houve um pedido de “reflexão” sobre a “guerra no Oriente Médio” e também orações para a paz em Israel. O momento também marcou a participação destacada da Universal, considerando-a como aparato político-econômico-midiático-religioso (Almeida, 2011), nessa controvérsia, principalmente por conta do

posicionamento institucional e das reportagens veiculadas pela Rede Record de Televisão, de propriedade do Bispo Macedo.

O programa televisivo “Jornal da Record”, exibido nacionalmente em horário nobre, foi o que mais veiculou conteúdo sobre o assunto. Além do noticiário diário a respeito do conflito envolvendo Gaza e o governo israelense, o canal realizou uma série especial de reportagens, com quatro episódios<sup>18</sup>. O presente texto não tem intenção de debater questões como “objetividade” e/ou “imparcialidade” do conteúdo, mas sim analisar o posicionamento da Universal nessa controvérsia, por meio do mapeamento dos discursos veiculados.

Na série de reportagens, o “Jornal da Record” busca construir discursivamente o que é o movimento Hamas, sem passar por outras questões históricas que constituíram a atual conformação do conflito entre Israel e Palestina. O Hamas é construído como movimento islâmico terrorista, acusado pelo programa de treinar a população civil para servir como “escudo humano” e também “promover uma guerra de informação para disseminar o ódio contra Israel” e tentar transformar todas as vítimas da ação militar israelense em “civis”, em uma “tentativa de maquiagem os números”. Deve-se ressaltar que, independentemente do apoio a Israel, a Universal participa nessa controvérsia em relação à Gaza como um dos principais atores, em uma posição privilegiada, por conta do peso de seu aparato midiático. Conforme debatido no item anterior, a circulação de membros da comunidade judaica é frequentemente operacionalizada pela Universal. Porém, esses agentes, por conta da *reflexividade*, compreendem a importância e o peso da Universal e, conseqüentemente, percebem nessa instituição um aliado importante na defesa do Estado de Israel. Há uma complexa economia de circulação nos espaços e eventos promovidos pela IURD, que engendra toda uma estrutura de apoio ao Estado de Israel e no combate ao antissemitismo.

---

<sup>18</sup> Disponível em: <http://noticias.r7.com/jornal-da-record/serie/hamas/> . Acesso em: 18/08/2014

Concomitantemente às reportagens na TV Record, o site institucional da Universal também se posicionou em relação ao conflito. Em artigo<sup>19</sup> escrito pelo bispo Aroldo Martins, responsável pela Universal em Israel:

*“Em 1947, quando uma assembleia realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) dividiu a Palestina em dois Estados, o Estado judeu e o Estado árabe, isso mudou. Em maio de 1948, os judeus fundaram o Estado de Israel. No entanto, o Estado árabe não foi estabelecido e os palestinos lutam até hoje para ter o seu Estado. E assim a terra foi ocupada por quem recebeu do verdadeiro dono, Deus, o título de propriedade: pelos filhos de Israel.”*

(..)

*Diante disso, os integrantes do Hamas lançam foguetes de Gaza para o território de Israel. Por isso, existe uma vigilância constante por parte de Israel para que os habitantes de Gaza não recebam armamentos do exterior. Os foguetes atacam a população civil aberta e deliberadamente. Israel, por sua vez, tenta destruir os pontos de lançamento de foguetes e áreas militares de risco, para proteger a sua população, bem como os túneis construídos pelo Hamas para invadir o território de Israel. O Hamas impõe aos habitantes de Gaza que não abandonem suas casas e lançam foguetes de áreas onde há uma aglomeração enorme de pessoas, para usá-las como escudos humanos. Com isso, as mortes do lado de Gaza sempre são maiores, pois Israel tem um sistema de proteção muito eficiente, que destrói os foguetes no ar, caso seja detectado que cairão em área habitada. A população está acostumada e, quando ouve as sirenes tocar, se protege dos ataques em abrigos antibombas. Escrevo dentro de um desses abrigos.” (Bispo Aroldo Martins)*

Há todo um processo de construção discursiva acerca do “Hamas”, associando-o ao mal que impede a paz na região e que é responsável pela situação na Palestina. Justamente na constituição da alteridade é que a Universal mostra, mais uma vez, sua posição privilegiada, já que seus discursos atingem milhões por conta do compartilhamento de textos em redes sociais pelos membros da instituição e pelo alcance da TV Record. Dessa forma, constitui-se em um dos principais atores nessa controvérsia em relação à Gaza, apresentando uma grande capacidade de publicização de seus discursos.

### **Considerações finais**

---

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2014/08/17/voc-sabe-o-motivo-dos-conflitos-em-israel-30691.html> Acesso em: 18/08/2014

A inauguração do Templo de Salomão suscitou todo um processo de construção da denúncia, por parte da mídia, de quebra de laicidade, pela presença de políticos no evento realizado pela Universal, mobilizando um complexo esforço discursivo, no intuito de dessingularização do episódio, a fim de apresentá-lo como um problema que concerne não apenas um setor da sociedade brasileira, mas como uma ameaça a um bem-comum maior, amplo e geral: a laicidade do Estado brasileiro. Temos então a formação de um momento crítico (Boltanski, 2006), isto é, ocasião em que o consenso se desfaz e os agentes são obrigados a justificar sua posição e a tentar chegar a um denominador comum no que tange à atribuição de um significado. No caso, a Universal operacionaliza a circulação de agentes de outra religião, no caso, judeus, para reivindicar o Templo como espaço “interdenominacional”, “ecumênico” e “aberto a todos”, em um esforço de mostrar que por ser “plural”, está respeitando o princípio de laicidade.

A importância da narrativa do Israel mítico na construção de um discurso sobre si como “vencedores”, “batalhadores” e também pelo processo de apreensão de uma verdade pode ser auferida por discursos de bispos e pastores, que afirmam que o uso do Antigo Testamento é uma característica da Universal e também responsável por seu sucesso. A *reflexividade* em torno das práticas da Igreja, assim como dos discursos mobilizados por seus agentes, implica a capacidade de pensar o futuro por meio de análise do passado e também de reelaborá-lo. Dessa forma, a adoção de uma série de bens simbólicos judaicos, no presente contexto, parece ser bem explicada por essa possibilidade que os agentes tem de refletir acerca de sua condição e das possibilidades que o cenário social apresenta (Giddens, 1991).

### **Bibliografia:**

ALMEIDA, R. “**Religião em Transição**” In: Martins, Carlos B. (coord.) e Duarte, Luiz F. D. (org). Horizontes das Ciências Sociais. Antropologia, São Paulo, Anpocs, 2010.

\_\_\_\_\_.; **Negócios, poder e fé: a Universal contra a Mundial**. In: Religião e Espaço Público. São Paulo: Terceiro Nome, 2012



ASAD, Talal. **Formations of the Secular: Christianity, Islam, Modernity**. Stanford: Stanford University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. “**Trying to understand French Secularism**”. In: H. de Vries e L. Sullivan (orgs.). *Political Theologies – public religions in a post-secular world*. Nova Iorque: Fordham University Press, 2006.

BOLTANSKI, Luc. *L'Amour et la Justice comme compétences*. Trois essais de sociologie de l'action. Paris, Métailié, 1990.

\_\_\_\_\_. “La denuncia pública”. *El amor y la Justicia como competencias: tres ensayos de la sociología de la acción*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2000.\_

\_\_\_\_\_,.; THÉVENOT, L. *On justification: economies of worth*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2006. Orig.: *De la justification: les économies de la grandeur*. Paris: Gallimard, 1991.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Senso Prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CASANOVA, J. **Public Religion in the modern world**. The University of Chicago Press, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Secular Age: Dawn or Twilight?** In: WARNER, Varieties of secularism in a secular age. Harvard University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. **Public Religions Revisited**. In: Hent de Vries, ed. *Religion: Beyond the Concept* (Fordham U.P., 2008) pp. 101-119.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. São Paulo : Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro. Graal, 2012.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1994.

\_\_\_\_\_. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002

GIUMBELLI, Emerson. *O fim da religião*. CNPQ/PRONEX, 2002.

GOMES, Edlaine. **A Era das Catedrais: a autenticidade em exibição**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

HABERMAS, J. **Entre Naturalismo e Religião**. Rio de Janeiro: *Tempo Brasileiro*, 2007.

\_\_\_\_\_. **Era das transições**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. v. I e II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

\_\_\_\_\_. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_, HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa I: racionalidad de la acción y racionalización social**. Madrid: Taurus, 1987.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social. An Introduction to Actor-Network Theory**. Oxford : Oxford university Press, 2005.

MONTERO, Paula. 2006. "**Religião, Pluralismo e esfera pública no Brasil**". IN: *Novos estudos – Cebrap*, n.74. p. 47-65.

\_\_\_\_\_. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. *Religião e sociedade*, vol.32, n.1, pp. 167-183, 2012.

TOMMASO, Venturini. Building on faults: how to represent controversies with digital methods. "Public understanding of science", 2010.

VANDENBERGUE, F. Construção e crítica na nova sociologia francesa. In: *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 21, n. 2, maio-ago. 2006, p. 315-366.